

1. Introdução

Esse trabalho visa uma reflexão acerca do que se pode diagnosticar como um desconforto presente nos escritos de inúmeros autores do período do pós-1945. Esse desconforto está associado aos eventos desastrosos que as ações humanas promoveram. A motivação principal desta dissertação é a discussão acerca dessa inquietação percebida por meio de leituras que tratam de diferentes áreas tais como: literatura, história, política e filosofia do período pós-1945. Autores diversos, tais como, Hannah Arendt, Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Primo Levi, dentre outros, deixam transparecer um incômodo relacionado às ações praticadas e fundamentadas com base em um arcabouço intelectual determinado e as conseqüências dessas ações. É como se esses autores tivessem vivido em dois mundos diferentes, mas que ao mesmo tempo relacionavam-se com bastante profundidade. Viveram o ápice das ações baseadas na moderna visão de mundo¹, o triunfo da vontade, e depois as conseqüências dessas ações. Mesmo que no período de sua formação alguns deles já problematizassem o quadro de referência conceitual moderno, ainda assim, tiveram como base de sua formação intelectual a crença na ação condicionada por um conceito de história que em última análise possibilitaria a construção, através da vontade racional, de um projeto voltado para a construção de um futuro novo e melhor.

Um melhor entendimento do conceito moderno de história permitirá a construção de um arcabouço para o entendimento desse desconforto, por meio do qual serão melhor dimensionadas as perdas causadas pela percepção dos limites dos conceitos modernos para a inteligibilidade de um mundo que se conformava de forma diferente daquela imaginada, projetada e esperada. Bem como permitirá dimensionar o tamanho da empresa com a qual os homens da segunda metade do século XX se depararam, na medida em que se fazia necessária a construção de outra gama de conceitos e categorias que dessem conta das novas experiências e

¹ Mesmo que a falência conceitual moderna se inicie ou mesmo mostre seus sinais após a vivência da Primeira Grande Guerra, somente alguns conseguiram enxergar já aí o que se avizinhava. Sendo o espaço entre esta primeira e os acontecimentos que levaram à Segunda Guerra Mundial, o espaço de radicalização do mal possibilitado em primeira mão pelo quadro conceitual moderno e depois pelo desenvolvimento quase inevitável desse quadro e suas conseqüências.

da nova realidade². Realidade que se relacionava com a possibilidade do mal radical, da aniquilação não só de certos grupos, mas de toda a humanidade por meio de um saber fazer científico que se distanciava cada vez mais da reflexão e do pensamento, o que quer dizer, do julgamento de seu conteúdo específico e de suas possíveis conseqüências.

A partir desse aprofundamento no conceito moderno de história, a dissertação buscará uma visão e um entendimento do que significou para os atores que vivenciaram aquele momento³, o esgotamento do mesmo. O que significou, por exemplo, a percepção de que o entendimento do que era a história, e do que era a própria expectativa de vida futura dessa geração, que ainda hoje tem repercussão, poderia levar a sua própria destruição. A autora escolhida para lidar com o problema foi Hannah Arendt. A escolha tem muitas razões, e a ordem com que serão aqui apresentadas não tem a ver com qualquer tipo de hierarquia. Em primeiro lugar há um desconforto perceptível com a situação humana no trabalho de Arendt, o que põe em evidência dois dados importantes: Hannah Arendt fala de si, de sua geração, portanto de causa própria, vivida na pele, o que deixa claro que ela dá um testemunho desse desconforto além de apresentar uma tentativa de explicarcá-lo, ou melhor, de compreendê-lo. Através de Arendt aprofundarei a discussão do que significou essa quebra, bem como será promovida uma

² Um exemplo dessa falência conceitual e da necessidade de uma nova linguagem para dar conta dessa realidade, é o conceito de genocídio, que será aprofundado posteriormente nesse trabalho. Esse conceito surge após a experiência do Holocausto para dar conta desse acontecimento, que até então não possuía uma tradução em palavras dada a sua novidade histórica.

³ Logo na primeira frase do Prefácio do livro “As origens do Totalitarismo”, de Hannah Arendt, a autora situa essa geração específica, que viveu as duas guerras mundiais, ao apresentar o que significa seu entendimento de mundo e de humanidade. “Duas guerras mundiais em uma geração, separadas por uma série ininterrupta de guerras locais e revoluções, seguidas de nenhum tratado de paz para os vencidos e de nenhuma trégua para os vencedores, levaram a antevisão de uma terceira guerra mundial entre as duas potências que ainda restavam. O momento de expectativa é como a calma que sobrevém quando não há mais esperança. Já não ansiamos por uma eventual restauração da antiga ordem do mundo com todas as suas tradições, nem pela reintegração das massas, arremessadas ao caos produzido pela violência das guerras e revoluções e pela progressiva decadência do que sobrou. [...] Nunca antes o futuro foi mais imprevisível, nunca dependemos tanto de forças políticas que podem a qualquer momento fugir as regras do bom senso e do interesse próprio – forças que pareceriam insanas se medidas pelos padrões dos séculos anteriores. É como se a humanidade se houvesse dividido entre os que acreditam na onipotência humana (e que julgam ser tudo possível a partir da adequada organização das massas num determinado sentido), e os que conhecem a falta de qualquer poder como a principal experiência da vida. A análise histórica e o pensamento político permitem crer, embora de modo indefinido e genérico, que a estrutura essencial de toda civilização atingiu um ponto de ruptura. Mesmo quando aparentemente melhor preservada, o que ocorre em certas partes do mundo, essa estrutura não autoriza antever a futura evolução do que resta do século XX, nem fornece explicações adequadas aos seus horrores”. (ARENDT, 1989, p. 11)

investigação sobre a autora como fonte no sentido testemunhal, e de seu pensamento como um esforço de construir, ou quem sabe reconstruir, uma idéia específica de humanidade. Essa análise é relevante para o entendimento do que é a história hoje, história essa que apesar de ter sobrevivido à decretação de seu fim (FUKUYAMA, 1992) ainda se encontra sem respostas e muitas vezes produz a mesma perplexidade dos que viveram o auge do impacto dos acontecimentos do século XX. A questão é ainda relacionada com a história por ter estreita incidência na maneira como os indivíduos vivem e experienciam o tempo, o que quer dizer, suas formas de conexão entre passado, presente e futuro. Pois, a história não é só passado; seu conceito específico e mais abrangente diz respeito a um olhar para o passado, sim, mas que está sempre relacionado ao presente e ao futuro de alguma maneira. Na experiência ocidental as diferentes maneiras de relacionar passado, presente e futuro foram ao mesmo tempo causa e efeito, de pelo menos dois padrões conceituais distintos da história. O entendimento da realidade vivida hoje passa pela análise da história que também se mostra disponível na atualidade, bem como suas incidências e implicações.

A crença em um fim da história só foi possível devido à experiência própria de relacionar passado, presente e futuro, característica da modernidade. Só foi possível crer que a história teria um fim num registro de relação temporal no qual o passado não servia mais de exemplaridade em um processo histórico que se delineava ao longo do tempo e que conduzia a um futuro novo e acabado. De acordo com Arendt a idéia de fazer história presente em Marx traduz essa possibilidade na medida em que quando se faz alguma coisa pressupõe-se que em determinado momento esse fazer é completado ao dar origem a um objeto acabado. Era através da ação no presente que se buscava chegar a esse futuro que, a partir da inteligibilidade buscada pela história, o que queria dizer, pela razão, podia e devia ser projetado. O presente nesse registro ganhava contornos muito estreitos que somente deixavam espaço para a ação em direção a esse futuro projetado no qual se desejava chegar. Com o projeto realizado, a história chegaria a seu ponto final, pois nesse registro, embora contada de maneiras diferentes, ela é sempre a história do caminho da humanidade em direção a esse futuro projetado.

O entendimento do desconforto contemporâneo, no sentido de que esse apresenta um impasse do homem em relação à história, à ação e, conseqüentemente, ao futuro passa pela reflexão de que tanto no registro da História Mestra da Vida, como no da Filosofia da História, embora diferentes, a ação, também de modos diferentes, encontrava seu lugar. E o presente era o tempo perfeito para a mesma. O desconforto contemporâneo está relacionado ao esgotamento do conceito tradicional de ação que veio como conseqüência da ruptura entre passado e futuro da modernidade e que acarreta uma sensação cada vez maior de um alargamento do presente. Talvez o grande problema seja mesmo que na realidade contemporânea a humanidade não tenha mais expectativas de um futuro bom, o que leva ao próprio entendimento da história que passou a se mostrar disponível e a uma nova discussão a respeito da mesma. Esta nova maneira de lidar com o tempo é sentida desde a experiência da Segunda Guerra Mundial e dos acontecimentos mais marcantes relacionados à mesma, como o Holocausto e as bombas atômicas, porém, ela atingirá seu auge com a queda do muro de Berlim e o fim do mundo soviético em 1989. Esse acontecimento teria marcado o fim do que François Hartog denomina regime moderno de historicidade que teve início no século XVIII (HARTOG, 1991). Por regimes de historicidade entende-se:

“[...] algo mais ativo. Entendidos como uma expressão da experiência temporal, regimes não marcam meramente o tempo de forma neutra, mas antes organizam o passado como uma seqüência de estruturas. Trata-se de um enquadramento acadêmico da experiência do tempo, que, em contrapartida, conforma nossos modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo.” (HARTOG, 1991, p. 5)

O fim do regime moderno de historicidade marca uma mudança na maneira como os indivíduos experimentam o tempo. Esta mudança traduz-se no entendimento do que é a própria história e do que deve ser a escrita da mesma.

O relato de Primo Levi em *É isto um homem?* tem como referência a questão do tempo como ponto principal. Por meio de sua narrativa pessoal sobre a experiência-limite no campo de concentração, Levi expressa as modificações ocorridas na forma de lidar com o tempo. Em uma passagem de seu livro escreve:

“[...] Até quando? Os velhos habitantes do Campo riem desta pergunta: uma pergunta pela qual se conhecem os recém-chegados. Riem, e não respondem: para eles, desde meses e anos o problema do futuro longínquo foi se apagando, perdeu toda intensidade perante os problemas do futuro imediato, bem mais urgentes e concretos: como a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que descarregar carvão.

Se fossemos seres razoáveis, teríamos que aceitar esta evidência: que não podemos, absolutamente, prever nosso destino; que qualquer suposição é arbitrária e carece de todo fundamento.” (LEVI, 1988, p.34)

Ao narrar sua experiência, ao relatar um passado que é sempre conflituoso e cujo relato é uma reconstituição de eventos, nunca a experiência em si, Levi não deixa de demonstrar sensibilidade com relação à questão do tempo. Quando se trata de uma imposição de experiências-limite como as engendradas pelo Holocausto, tão absurdamente ilógicas na mentalidade dos homens do período, a consequência é fazer pensar e repensar a própria auto-referência do sujeito. A maneira de lidar com essa experiência passava pela limitação da inteligibilidade, na tentativa de descrever uma experiência que o indivíduo vivia fisicamente, mas que não conseguia traduzir. Transformar esta experiência em linguagem e comunicá-la tornava-se uma questão essencial.

Levi testemunhou com sensibilidade sobre a impossibilidade de fazer qualquer previsão ou planos de futuro, o que por si só já caracteriza uma crise da possibilidade e da vontade de ação. Gumbrecht atenta para o fato de que “ninguém mais confia no conhecimento histórico em situações práticas” (GUMBRECHT, 1999, p.458). Há muito os historiadores lidam com essa questão de que seu conhecimento não é seguro o suficiente para orientar a ação. Tendo em vista as duas concepções de tempo anteriores a esta experiência, tanto na perspectiva da História Mestra da Vida como da Filosofia da História, a ação sempre encontrou na realidade a possibilidade de se concretizar. No primeiro modelo havia a sensação de um presente mais extenso, no qual, com base nas experiências do passado o sujeito poderia agir de forma sábia e prudente para que não se repetissem os erros e sim os acertos. No segundo modelo, o presente foi estreitado ao ponto de somente possibilitar a ação acelerada em direção a um futuro novo e otimista. Em ambos, mesmo que de maneiras diferentes, existiam sujeitos individuais, e depois coletivos, capazes de agir. O que se percebe na passagem de Levi é a crise de qualquer futuro e o alargamento de questões mais

emergenciais. Do ponto de vista de quem, além de um futuro incerto, vive um futuro que pode ser o aniquilamento, preocupar-se apenas com o presente ou com o futuro imediato parece ser uma resposta à altura.

Diante de tamanho impacto, como seria possível vislumbrar um futuro que nas palavras de Levi fosse além da primavera? E como pensar a possibilidade de qualquer tipo de ação tendo em vista um futuro otimista se, afinal, o triunfo da vontade teve como consequência o Holocausto? As previsões e projeções deram errado, e o último modelo de mundo ideológico se desfaz em 1989, com a queda do Muro de Berlim. Mesmo assim, o impacto da Segunda Guerra foi doloroso e desde aí há uma fissura na relação entre presente e futuro que é marcada por essa passagem. Na alta modernidade o foco do presente era o futuro, mas a partir da experiência da Segunda Guerra o futuro passa a ser olhado com menos entusiasmo e muitas vezes de forma ameaçadora na medida em que as previsões não garantem sucesso e felicidade.

Em seu livro *Entre o passado e o futuro*, Hannah Arendt afirma que o Existencialismo do pós-guerra, pelo menos em sua versão francesa, é “basicamente uma fuga dos impasses da filosofia moderna para o compromisso incondicional com a ação” (ARENDT, 2009b, p.34). Ora, Arendt não se rende a esta saída e reflete sobre a questão do pós-guerra como um período de tempo em que o homem percebe que a tradição filosófica do qual é herdeiro não é suficiente para explicar a realidade e para dar respostas aos seus questionamentos. Salienta que no mundo moderno o homem teria saído do pensamento para a ação, porém depois dos acontecimentos do século XX, a ação, ou melhor o ter agido teria forçado a volta do homem ao pensamento.

“Seria pois, de certa importância, observar que o apelo ao pensamento surgiu no estranho período intermediário que por vezes se insere no tempo histórico, quando não somente os historiadores futuros, mas também os atores e testemunhas, os vivos mesmos, tornam-se conscientes de um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda. Na História, esses intervalos mais de uma vez mostraram poder conter o momento da verdade.” (ARENDT, 2009b, Pp.35-36)

Verdade essa que deveria lidar com o fato de que o ter agido teve consequências nunca esperadas e que, portanto os ideais modernos que propiciaram e objetivaram a ação deveriam ser problematizados. É provocada uma

ruptura em relação ao que poderia ter sido e ao que realmente foi a realidade humana engendrada pela modernidade. Essa é a análise arendtiana na tentativa de compreender essa ruptura realizada pelos homens modernos e que em seu pensamento culminou e foi responsável pelos acontecimentos que deixaram os homens órfãos e destituídos de qualquer herança. Pois, se a recusa da tradição foi espontânea e intencional por parte dos homens modernos, eles ainda assim tinham uma herança, mesmo que fosse para se contrapor a ela. Só não imaginavam que iriam deixar as futuras gerações sem os referenciais necessários para a compreensão do mundo e dos acontecimentos passados, nesse caso os acontecimentos mais marcantes do século XX. O que Arendt faz é tentar explicar o que essa distância provocada pelos atores da época moderna em relação à tradição realmente causou em seu pensamento, um desvirtuamento das características essenciais do que é ser humano e das condições que implicam a realidade humana, o que gerou a possibilidade de aniquilação da humanidade como tal. A autora não pretende que se volte a esta tradição, porém essa foi a maneira que achou de se entender e de entender os homens de sua época, além de ao explicar o que acarretou a quebra, mostrar também como foram possíveis esses acontecimentos terríveis.

O primeiro capítulo dessa dissertação tratará da crise do mundo moderno apresentada por Arendt e do conseqüente desconforto sentido pelos que viveram e vivem essa crise. Para tal será discutida a concepção da condição humana presente na autora, bem como as características dessa condição e as atividades de labor, trabalho e ação que a constituem devido ao fato de que, para Arendt, a crise advém da quebra realizada pela era moderna em relação à essa concepção tradicional, o que provocou uma reordenação e uma ressignificação dessa condição ao promover a alienação do homem de si e do mundo. A discussão sobre a ação também encontra seu espaço, na medida em que deve haver uma reflexão a respeito da concepção de ação moderna e daquela tomada por Arendt e relacionada a uma interpretação tradicional da condição humana. A concepção moderna de ação é uma via pela qual podemos perceber o seu afastamento em relação à tradição, bem como mostra as implicações desse afastamento ao desencadear a crise e o desconforto.

O segundo capítulo tratará do conceito de história mais especificamente. Nele será apresentado o conceito de história tradicional e a negação do mesmo pelo conceito moderno de história. A modernidade será tratada por meio do conceito de história central no pensamento de Hegel. Através desta análise será possibilitado o entendimento da modernidade por meio do conceito de história forjado pela mesma e, a partir daí, daquele arcabouço responsável pela crise e pelo desconforto, o que permitirá uma melhor compreensão da realidade contemporânea como uma realidade que vive sob as conseqüências desse pensamento.

No terceiro capítulo será promovida uma diferenciação entre esse conceito de história moderno, que é um processo que visa um fim, e a sua posterior autonomização em relação ao fim. Esse se torna um processo de produção e reprodução infinita das ações, o que termina por afastá-las cada vez mais da possibilidade de reflexão, isto é, de julgamento em relação à ação cometida. É nessa realidade que efetivamente surge a possibilidade do mal radical. Também se relaciona as características dessa mesma sociedade que promove a ação, a passagem de uma sociedade de produtores para uma sociedade de consumidores que nem chega a ter uma visão geral do que faz, na medida em que não só o trabalho é cada vez mais isolado do produto final, como também, o produto final é rapidamente consumido para dar continuidade ao processo.